

A relação de objeto e as estruturas freudianas*

La relation d'objet et les structures freudiennes

The object relation and the freudian structures

Jacques Lacan

Tradução: Bruno Wagner Santana**

Lições de 21 e 28 de novembro, 5, 12, e 19 de dezembro de 1956***.

A relação de objeto ocupa uma posição central na psicanálise de hoje, constitui nela o elemento teórico primeiro. A prevalência manifesta¹ dessa noção orienta em sua conduta e em seus resultados a análise que não visa mais do que retificar a relação do sujeito ao objeto, a adaptação do indivíduo ao seu meio ambiente.

Para recolocar em questão uma tal prevalência, convém nos referir às estruturas freudianas — descritas nos anos precedentes — nas quais a análise se move, e singularmente àquela da relação entre analisado e analista, a qual somente aqueles que a ignoram nos asseguram que ela é “excessivamente simples”.

Notemos de início que a relação de objeto quase não é mencionada por Freud. Mas o que diz Freud quando ele fala explicitamente do objeto?

Um capítulo dos *Três Ensaio sobre a Sexualidade* intitula-se: A Descoberta (poderíamos dizer “o achado” para melhor marcar a sua contingência) do objeto. Não vemos em nenhuma parte nele descrito esse objeto plenamente satisfatório, acabado e conclusivo (o famoso objeto genital), que fundaria o homem em uma realidade enfim adequada. Ao invés disso, encontramos nele uma outra coisa: a ideia de uma nostalgia que liga o sujeito ao objeto perdido e que marca o reencontro com o signo de uma repetição impossível.



* Tradução autorizada extraída do original em: Lacan J. La relation d'objet et les structures freudiennes. In: Bulletin de psychologie, tome 10 n°7, 1957. pp. 426-430; DOI: <https://doi.org/10.3406/bupsy.1957.7086>; https://www.persee.fr/doc/bupsy_0007-4403_1957_num_10_7_7086

** Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio). Pós-doutor em Psicanálise, Saúde e Sociedade pela Universidade Veiga de Almeida (UVA/RJ). Analista membro do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise – seção Rio de Janeiro.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-7232-5523>
E-mail: brunowagnersou@yahoo.com.br

*** Resumo das lições dadas pelo Dr. J. Lacan em Saint-Anne dentro do quadro de ensino dispensado pela Sociedade Francesa de Psicanálise.

Podemos nos referir aqui à oposição célebre entre o conceito moderno de repetição e o conceito platônico de reminiscência: é claro que, para Freud, é no registro da repetição que se situa a procura pelo objeto. Assim compreenderão a oposição e a complementaridade entre o princípio de prazer e o princípio de realidade. Freud marca ao mesmo tempo que o princípio de realidade é exigido para a satisfação efetiva do prazer e que o princípio de prazer tende a satisfazer-se sob forma irrealista, até mesmo alucinatória; permanece uma oposição irreduzível entre a realidade e o que é buscado obscuramente pela tendência: a relação do sujeito com o seu mundo é profundamente conflitiva.

No entanto, há um domínio em que a relação sujeito-objeto é direta, sem hiância: é a da ambivalência — competência das relações pré-genitais do tipo ver - ser visto, atacar - ser atacado — que supõe a identificação com o parceiro, como em toda relação dita em espelho, portanto, em reciprocidade: cada sujeito faz-se aí objeto. É isso que forneceu a ocasião para que fosse colocada em primeiro plano a relação de objeto? Veremos a que somos conduzidos, tanto na teoria quanto na técnica, quando tentamos assim dar conta do conjunto dos fenômenos analíticos a partir de uma relação dual. Digamos apenas por um instante que a ideia de um objeto adequado (abusivamente deduzido do conceito de objeto parcial introduzido por K. Abraham) encontra seu corolário na ideia de um sujeito autônomo, medida da realidade, e de que nada é mais estranho à concepção freudiana de uma busca do objeto fundamentalmente perdido na qual o sujeito está sempre implicado.

Hoje em dia reintroduzem-se todas as categorias da normalização; ao colocar-se a ênfase essencialmente no meio ambiente, até mesmo nas relações sociais, somos levados a propor ao paciente uma identificação ao eu² que possui a melhor adaptação à realidade: o eu³ do analista. Não faz-se mais diferença, nem sobre o plano dinâmico, nem sobre o plano genético, entre as etapas de progresso do eu⁴ e aquelas da maturação instintual. Distingue-se rigidamente entre os pré-genitais “indivíduos fracos que teimam em manter relações objetais com um objeto significativo”, e os genitais cuja unidade não estaria jamais à mercê da perda de objeto.

O que resulta disso no tocante à posição do objeto? Confunde-se este com o real, enquanto, para Freud, como soube lembrá-lo um Glover, ele destaca-se não sobre o fundo da realidade comum, mas sempre sobre o fundo da angústia (angústia que muitos autores de hoje confundem com o medo): o objeto mascara em diferentes etapas a angústia do sujeito. Também obteremos vantagem ao partir, mais do que da ideia geral da relação de objeto, da função singular do objeto na fobia — onde ele tem lugar de posto avançado protetor — ou no fetichismo: o que é um objeto-fetichismo? o que é um objeto-tela?

**

Entretanto, antes de examinar o objeto-fetichismo ou o objeto-fóbico⁵, podemos tentar precisar a posição do objeto em relação ao real. O objeto, ele é, ou não, o real? O que é achado no real é o objeto?

Duas observações:

1) o analista não pode ser senão fortemente prudente ao falar do real, pois o real está sempre no limite da sua experiência ao invés de nela compreendido. O analista encontra-se, portanto, um pouco na situação do engenheiro de uma usina hidrelétrica que está interessado pelo que se passa na máquina onde acumula-se e transforma-se a energia, mas que não se ocupa da paisagem *anterior* à construção da usina. Desconhece radicalmente a experiência analítica aquele que parte, em vão, em busca de uma energia potencial, de uma “realidade” última *além* da realidade estruturada, conflitual, simbolizada, com a qual ele tem a ver: preconceito que já entrou no progresso da psiquiatria e do qual a psicanálise deveria ter libertado-a.

Alguém objetaria: mas e a libido? E o *Es* (o isso)? Nós responderemos que a noção de libido freudiana — tal como aquela de *equivalência* entre as diversas formas de energia física — é destinada a introduzir uma medida comum entre manifestações qualitativamente diferentes: nada de menos fixado a um substrato material. Quanto ao *Es*, ele designa o que no sujeito é suscetível de tornar-se *Eu*⁶, e não uma realidade bruta (o que já não é energia). Para o analista, há sempre já aí uma usina feita e que funciona. Em outros termos, linguísticos desta vez, digamos que não há nada no *significado* — fluxo vivido, anseios, pulsões — que não se apresente marcado pelo traço do *significante*, com todos os deslizamentos de sentido que resultam dele e que constituem o simbolismo.

2) Há um outro uso da noção de realidade em psicanálise, colocado em jogo no duplo princípio de prazer e de realidade e que resta difícil de apreender. Refiramo-nos, por exemplo, a um recente artigo do Sr. Winnicott⁷.

Tem-se hoje a tendência de encarnar esses princípios em atores figurados: o princípio de prazer é assimilado ao seio materno e o princípio de realidade ao fato de que a criança deve aprender a ultrapassá-lo, a submeter-se, como se diz, às frustrações. O aprendizado seria o seguinte: inicialmente, nenhuma diferença entre a satisfação fundada na alucinação e aquela fundada na compreensão (a mãe estando sempre presente no momento em que for preciso). Depois haveria uma desilusão progressiva, a realidade cessando de coincidir a toda hora com a alucinação surgida do desejo.

Pode-se perguntar de que forma esse esquema geralmente admitido permite conceber a extrema diversidade dos objetos, instrumentais e fantasmáticos, que intervêm no campo do desejo humano: como se poderia jamais ultrapassar a noção de um objeto estritamente correspondente ao desejo primário? Ora, nota Winnicott, mesmo para a menor criança existem os “objetos transicionais”, esses brinquedos que a criança cria com qualquer coisa, e que é bem impossível de serem situados em uma dialética reduzida e encarnada da alucinação e do objeto real.

Essa última observação coloca em evidência um estranho esquecimento, o esquecimento da mola essencial da experiência analítica: a noção da *falta do objeto*. A análise começa com ela; ela é central, dinamicamente criadora. O uso excessivo do vocábulo “frustração” atualmente, engendrando confusão, conduz-nos a desconhecê-la. Eis um exemplo: tende-se, hoje, a reduzir a variedade das relações duais a desenvolvimentos da relação primitiva mãe-criança. Mas nós veremos que essa relação problemática permanece incompreensível enquanto a interpretarmos em termos de realidade, de frustração de um objeto real. Entre a mãe e a criança, Freud introduziu um terceiro termo, um elemento imaginário, cujo papel significativo é maior: o *phallus*.

Começamos, portanto, a distinguir os termos *castração*, *frustração*, e *privação*; todos os três se referem a essa categoria da falta de objeto, o “falicismo”.

**

A frustração é por essência o domínio da reivindicação, das exigências desenfreadas, sem referência a uma possibilidade de satisfação qualquer; seu centro é um dano (prejuízo) imaginário. A privação, ela, é alguma coisa de real: nós diremos que ela é uma falta real, um furo no real. Ela põe, aliás, uma questão: como um ser — uma totalidade — pode sentir-se privado de alguma coisa que por definição ele não tem? Quanto à castração, sabemos que, desde Freud, ela foi mais abandonada do que aprofundada. Ela só é concebível quando ligada à ordem da lei — lei presente na estrutura do Édipo e na proibição do incesto — e ao registro da sanção. Sem elucidar por agora o paradoxo que há ao se colocar, como fez Freud, a castração no coração da crise edipiana, indiquemos que a castração só pode ser situada no nível do que chamaremos de a dívida simbólica.

Qual é, portanto, o objeto que falta nesses três casos? Para a castração, o que falta não é, evidentemente, um objeto real (não há senão a lei de Manu para dizer que aquele que terá se deitado com sua mãe deverá cortar os testículos e, segurando-os na mão, seguir direto rumo a Oeste até que a morte o alcance). O objeto da castração é imaginário: é o *phallus*. Em contrapartida, o objeto da frustração, por mais imaginária que ela seja, é na verdade um objeto real; é — para ficar em nossa particular categoria da falta de objeto — o pênis enquanto órgão. Por fim, na privação, o objeto é simbólico: com efeito, em certo sentido, o real é sempre pleno:⁸ um objeto não falta em seu lugar, assim como se diz de um livro na prateleira de uma biblioteca, senão na medida em que ele deveria estar lá.

Nós podemos, portanto, traçar o seguinte quadro:

<i>Agente</i>	<i>Falta de objeto</i>	<i>Objeto</i>
	Castração	Imaginário
	dívida simbólica	
	Frustração	Real
	dano imaginário	
	Privação	Simbólico
	furo real	

Como podemos ver, resta ainda entender quem é o agente dessa falta e como ele opera.

**

Eis-nos aqui, com Freud, no oposto à toda ideia de uma harmonia preestabelecida entre o instinto e o objeto, à toda cooptação natural entre o que o desejo busca e o que ele encontra. Lembremos que, desde a origem, o que scandalizou na psicanálise não foi tanto a importância dada à sexualidade, mas a tese da abordagem eminentemente paradoxal de um objeto sexual fundamentalmente inadequado.

É por isso que ele escapa da apreensão conceitual. A discussão sempre retomada e sempre confusa em torno da relação com um objeto primordial, da existência ou não de um autoerotismo, testemunha antes um mal-estar ao invés de seu esclarecimento. O conceito de *amor primário*⁹ introduzido por M. e A. Balint (complementaridade dos dois polos da necessidade, conciliação entre o egoísmo e o dom) somente retira a dificuldade ao preço de uma negligência da experiência clínica que só mostra discrepâncias. Alguém poderá também se reportar às críticas que F. Pasche e M. Renard dirigem à obra de Mélanie Klein¹⁰ que, segundo eles, repousaria na ideia de pré-formação (“como se a árvore de carvalho completa já estivesse na sua semente”). Privilegiando indevidamente a projeção e a agressividade, ela faria sair o mundo exterior inteiramente do sujeito e volatilizaria a relação objetal: crítica que porta em falso, pois uma das questões que Mélanie Klein coloca é antes muito mais essa: como uma ordem pode se estabelecer a partir do caos original? — e que de uma maneira surpreendente se conclui nesses autores com a confissão de uma posição muito próxima daquela que eles reprovam precisamente em Mélanie Klein. Eles, de fato, escrevem: “a criança nasce com instintos herdados diante de um mundo que ela ainda não percebe, mas do qual se lembra, e cujo qual ela terá, em seguida, não quer descobrir por meio de uma série de achados insólitos, mas quer reconhecer”.

Há, verdadeiramente, contradição ao se afirmar ao mesmo tempo a existência do autoerotismo e de relações eficazes e precoces com os objetos? Notemos que a posição autoerótica não implica, de modo algum, que não haja objeto, mas, sim, que o outro não está constituído. A função do que em nosso quadro chamamos de agente é aqui decisiva.

Função desconhecida por todas as variedades de psicogênese segundo as quais o sujeito secretaria a partir de si mesmo as suas relações sucessivas em nome de uma maturação preestabelecida. Há uma eficácia do significante que escapa à toda explicação psicogenética, pois essa ordem significativa, simbólica, o sujeito não a introduz, mas a encontra. Portanto, nos esforçaremos em vão ao fazer surgir um medo infantil dos leões, por exemplo, a partir de alguma imagem do corpo. Assim também o fetichismo, a fobia, apenas podem ser compreendidos como “soluções” imaginárias dadas à hiância introduzida pela aparição do *phallus* — que é o que falta à mãe — entre a mãe e a criança.

Para apreendê-lo, bastará se lembrar do que Freud diz do famoso jogo “Fort, Da” (descrito no início de *Além do princípio de prazer*), que conota a primeira constituição do agente da frustração, a mãe, e que coloca em evidência a passagem da relação mãe-criança a uma relação mais complexa. O que acontece, com efeito, quando a mãe não responde mais à solicitação do desejo, quando ela passa a responder a partir da sua própria vontade? Ela se torna real, ela se torna potência. Por consequência, o acesso aos objetos se modifica: os objetos, até então pura e simplesmente objetos de satisfação, se transformam em dons da parte daquela potência. Em suma, nós assistimos a uma inversão de posição. A mãe, de simbólica se torna real, e os objetos, de reais [se tornam]¹¹ simbólicos. Eles são o testemunho do dom proveniente da potência materna, eles simbolizam um favor e uma desgraça (satisfazendo, ou não, a uma necessidade). Invoca-se frequentemente a onipotência à propósito da criança; sim, mas é a onipotência materna, a mãe pode dar não importa o quê à criança, e, portanto, sempre a decepcionar. É nesse sentido que ela¹² é em face dela absolutamente dependente e sem recursos.¹³

Assim inicia-se a constituição do mundo dos objetos. Mas nesse mundo há um dentre eles que tem uma função paradoxalmente decisiva: o *phallus*. Sua função imaginária — a experiência analítica verifica-a diariamente — é mais importante para a mulher do que para o homem que assume o seu uso como lícito. Freud marcou que a falta de *phallus* na mulher estava em estreito contato com a sua relação com a criança: a criança satisfaz a sua necessidade de *phallus*, enquanto real a criança simboliza a imagem.

Mas o que vai acontecer quando a criança, descobrindo a diferença dos sexos, descobrir também que sua mãe falta de *phallus* e de que deseja nela¹⁴ outra coisa que ela mesma? Uma observação da fobia¹⁵ mal compreendida por aquela que a relata, pois ela apenas vê aí as consequências da frustração de um objeto privilegiado (a mãe), esclarece esse ponto. Trata-se de uma criança que foi separada de sua mãe — o pai morreu — e confiada a uma instituição pelo fato da guerra. Com dois anos, ela se notifica da diferença dos sexos: os meninos têm um pênis, ela não o tem. Ela se coloca no mesmo instante em posição de rivalidade, ela quer “fazer pipi” como os meninos, imitá-los em tudo, manipular o sexo deles, ela perscruta as imagens para comparar meninos e meninas.

Entretanto, se a descoberta do seu afalicismo¹⁶ afeta a criança, ela não engendra a fobia. Durante todo esse período, a mãe vem regularmente ver a sua filha, cumprindo sua função simbólica em uma perfeita regularidade entre presença e ausência, e nos jogos de contato aos quais ela se entrega com ela, se aproximando dela lentamente, depois se distanciando e retornando ao fim. Numa noite, quando estava com dois anos e cinco meses, grande pavor e pesadelo da criança: um cachorro quer mordê-la. É preciso tirá-la de sua cama e colocá-la em outra. E, durante o período de um mês, uma intensa fobia de cães se desenvolve; os comentários mais ou menos articulados que ela dá para isso não deixam nenhuma dúvida sobre a sua significação, menos ainda a sua primeira frase propriamente dita: “o cachorro morde as pernas

dos meninos malvados”. O cachorro morde o sexo, é um castrador. Ora, o que aconteceu entre a descoberta da falta de *phallus* e a eclosão da fobia? A mãe teve que submeter-se a uma operação e parou de vir, depois ela retomou as suas visitas e os jogos com a criança, mas sem a mesma alegria e a mesma presença; enfim, é na sequência de uma visita na qual ela aparece débil, apoiando-se sobre uma bengala, que a fobia surge. O episódio significa: a mãe não tem *phallus*. O cachorro, ser fantasmático, é designado como responsável pela situação, ele castra.

A observação, aqui bastante resumida, pede uma segunda constatação. Após a guerra, a fobia cessa. A mãe casa-se então novamente, e retoma com isso as suas crianças; eis, portanto, nossa menina em contato com um irmão mais velho que ela, que despertava nela um vivo interesse e que a fez reviver a diferença dos sexos, sua ausência de pênis. Ora, não apenas essa circunstância não provocou uma recaída na fobia, como também a criança jamais se portou tão bem: é que existe agora um novo elemento: um pai cuja simples presença permite ultrapassar as relações de potência instituídas entre a mãe e a criança. A função simbólica do pai introduz uma distância entre os três termos da relação mãe, criança, *phallus*, insere a falta de objeto em uma nova dialética.

*
**

Essa primeira aproximação já lança luz sobre o que é preciso chamar de o desvio atual da teoria analítica. Ele está particularmente manifesto em um artigo recente — mas é também encontrável em mil outros — intitulado *Importance du rôle de la motricité dans la relation d’objet* [Importância do papel da motricidade na relação de objeto]¹⁷. O objeto é o analista: entre ele e seu paciente estabelece-se uma relação pulsional primitiva que se manifesta através de uma atividade motora; o analista apenas tem que detectar a pulsão emergente nas suas reações, mesmo em estado de traços, e singularmente levar a uma exteriorização da agressão erótica.

Alguém poderia perguntar-se por que se fala em uma tal situação; de fato, a verbalização só é retida pelos autores no que ela é impulsiva, pura manifestação motora. Uma tal concepção da análise visa reduzir a distância entre o objeto interno e o objeto externo à distância real entre o paciente e o analista. Há os que regulam sobre um pretendido real da posição do analista toda a acomodação da relação imaginária; regulação essa que desencadeia, sobretudo nos casos de neurose obsessiva, reações insólitas. Com efeito, a relação dual analista-paciente, que alguém nos descreve como uma espécie de “*bundling*” (aproximação sem contato), levada às suas últimas consequências psicológicas, oferece ao paciente, mais ou menos aberto à fragmentação, a ocasião de unificar-se apoiando-se sobre um outro (relação anaclítica de dependência), ou então de resolver as tensões internas dele através de uma identificação com o outro (relação narcísica).

A observação de um sujeito fóbico em análise é bastante reveladora a esse respeito¹⁸: veremos aí como uma “reação perversa transitória” que aparece no paciente é induzida por uma série de intervenções e de interpretações do analista que confunde a posição analítica com uma situação real, e que apenas se preocupa em acomodar, ao fim, seu paciente à boa distância.

Relatório de J.B. Pontalis, aprovado pelo Dr. Lacan.

¹ Por exemplo na obra coletiva *La Psychanalyse d’aujourd’hui* [A Psicanálise de hoje]: Paris; P.U.F.; 1956.

² N.T.: No original, consta “moi” para designar “eu”.

³ N.T.: Idem à nota 2.

⁴ N.T.: Idem à nota 2.

⁵ N.T.: No original, “l’objet-phobogène”.

⁶ N.T.: No original, consta “Je”, com letra maiúscula, para designar “eu”. A frase é: “Quant au Es il désigne ce qui dans le sujet est susceptible de devenir Je, (...)”.

⁷ WINNICOTT (D.W.). — Transitional Object and transitional Phenomena. A Study of the first Non-me possession. *Internat. J. Psycho-anal.*, 24, nº2, 1953.

⁸ N.T.: Assim aparece no texto no original, o sinal de dois pontos grafado duas vezes na mesma frase.

⁹ N.T.: Grafado em inglês no texto original, “primary love”.

¹⁰ PASCHE (F.) et RENARD (M.). Réalité de l’Objet et Point de Vue Economique [Realidade do objeto e ponto de vista econômico]. *Revista Francesa de Psicanálise*, 20, nº4, 1956.

¹¹ N.T.: No original, o termo “se tornam” (*deviennent*), não aparece explicitamente na frase, mas de modo implícito: “*La mère de symbolique devient réelle, et les objets de réelles symboliques.*”

¹² N.T.: a criança.

¹³ N.T.: frase no texto original: “*C’est en ce sens qu’il est en face d’elle absolument dépendant et sans recours.*”

¹⁴ N.T.: na criança.

¹⁵ SCHNURMANN (A.). Observation of a Phobia, Psychoanalytic Study of the Child [Observação da Fobia, *Estudo Psicanalítico da Criança*], Vol.III/IV.

¹⁶ N.T.: No original, “*aphallicisme*”.

¹⁷ MARTY (P.) e FAIN (M.), in *Rev. Fr. de Psican.*, 19, nº1-2, 1955.

¹⁸ LÉBOVICI (Ruth). Perversion sexuelle transitoire au cours d’un traitement psychanalytique, [Perversão sexual transitória no percurso de um tratamento psicanalítico], *Boletim da Associação de Psicanalistas da Bélgica*, 25, 1956.

Citação/Citation: Lacan, J. (2025). *A relação de objeto e as estruturas freudianas*. *Trivium: Estudos Interdisciplinares* (Ano XVII, no.esp.), pp. 162-168.

Recebido em: 10/08/2025
Aprovado em: 09/10/2025